

QUEM GANHA COM A

Não é possível baixar os preços dos
alimentos sem enfrentar os monopólios
capitalistas do agronegócio

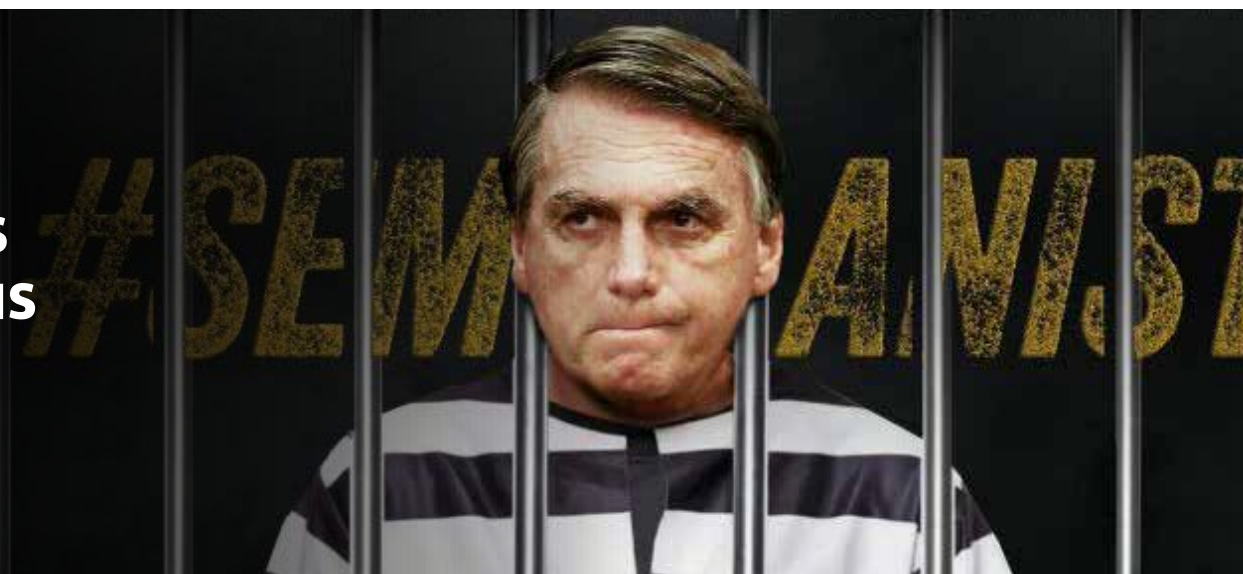
Páginas 26 a 34

ALTA DA COMIDA?

SEM ANISTIA

Prisão para todos
os golpistas e seus
financiadores

Páginas 35 a 39



MULHERES

Às ruas contra
a violência
machista

Páginas 64 a 66



O QUE VOCÊ ENCONTRARÁ NESTA EDIÇÃO

Pág. 4 a 5

NOTAS

O “tigrinho” de Milei

Barragem de garimpo rompe na Amazônia

Pág. 6 a 10

LULA SE CHOCA COM A INVIABILIDADE DE SEU PROJETO CAPITALISTA

Pág. 11 a 17

MANIFESTAÇÕES FORAM REALIZADAS EM TODO O PAÍS PELO FIM DA ESCALA 6X1

Pág. 18 a 245

LULA PRESSIONA POR EXPLORAÇÃO DE PETRÓLEO NA AMAZÔNIA

Pág. 26 a 34

QUEM GANHA COM A DISPARADA DOS PREÇOS DA COMIDA?

Pág. 35 a 39

PRISÃO PARA TODOS OS GOLPISTAS E SEUS FINANCIADORES

Pág. 40 a 44

ECOAR A RESPOSTA PALESTINA A TRUMP E OCUPAR AS RUAS

Pág. 45 a 52

TRÊS ANOS DE RESISTÊNCIA HEROICA À INVASÃO DE PUTIN

Pág. 53 a 57

‘BYE BYE’ AO CONTADOR DAS HISTÓRIAS DO BRASIL

Pág. 58 a 63

MURAL

- Indígenas e quilombolas impõem derrota ao governador do Pará e Lei 10.820 é revogada;
- Terceirizados da educação municipal vão à greve por melhorias de trabalho e fim da escala 6×1;
- Onda de greve da educação sacode o estado do Piauí

Pág. 63 a 66

NO DIA DE LUTA DA MULHER TRABALHADORA, ÀS RUAS CONTRA A VIOLÊNCIA MACHISTA

CONTRIBUA PARA UMA IMPRENSA SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIA

O Opinião Socialista é o jornal oficial do PSTU. Nestes mais de 28 anos, o Opinião sempre se firmou de forma contundente como uma imprensa operária, de esquerda, um contraponto à hegemonia da mídia burguesa. Durante esses anos o jornal adquiriu diferentes formatos ou periodicidade. Mas esteve sempre ligado à luta de classes.

Para continuar defendendo uma visão socialista do mundo a serviço da classe trabalhadora, o Opinião pede a sua contribuição. Faça uma contribuição e fortaleça uma ferramenta para a discussão de uma estratégia socialista para se mudar de fato a realidade. Confira abaixo como você pode contribuir.

OPINIÃO SOCIALISTA

Banco do Brasil
Agência: 4054-1
Conta: 26751-1
PIX: 55.446.524/0001-00



EXPEDIENTE

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da editora Sundermann.

CNPJ: 06.021.557/0001-95 /Atividade Principal 47.61-0-01

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO: Diego Cruz, Jeferson Choma, Júlio Anselmo, Luciana Candido e Roberto Aguiar

DIAGRAMAÇÃO: Ana Sbabbo

CONTATOS

📞 Clique aqui e fale conosco pelo WhatsApp

✉️ opinião@pstu.org.br

🏠 Av. Nove de Julho, 925, Bela Vista - São Paulo
(SP) CEP: 01313-000

O “tigrinho” de Milei



Um tuíte do presidente argentino Javier Milei, no último dia 14, desencadeou um escândalo em torno da compra, venda e promoção de criptomoedas, e abriu uma crise política no país, colocando em xeque o presidente de ultradireita. Milei está no centro de um escândalo após apoiar publicamente o lançamento da criptomoeda \$Libra, no que já foi apelidado na imprensa argentina como “Cripto Gate”. O apoio do presidente ultraliberal impulsionou uma rápida valorização da \$Libra, permitindo que os primeiros detentores vendessem suas criptomoedas com lucros exorbitantes. No entanto, pouco depois, após especialistas e opositores alertarem para riscos de fraude, o valor da moeda despencou. Segundo o jornal Clarín, a criptomoeda passou de 0,03 centavos para o pico de 5,54. Uma hora depois caiu para 1,05 e no sábado, ao meio dia, despencou para 0,18. A crise se agravou no final de semana com notícias de que assessores próximos a Milei teriam exigido

vantagens pessoais para facilitar acesso ao presidente. Organizações sociais e a oposição apresentaram uma denúncia formal contra Milei, acusando-o de participar de um esquema que teria causado perdas de US\$ 4 bilhões a mais de 40 mil pessoas. As más-línguas dizem que Bolsonaro está recomendando às vítimas do golpe a recuperarem seus prejuízos jogando no “Tigrinho”.

OURO E LAMA TÓXICA

Barragem de garimpo rompe na Amazônia

O rompimento de uma barragem de um garimpo ilegal poluiu o rio Cupixi, localizado no município de Porto Grande, a 100 km de Macapá (AP). A Prefeitura do município decretou estado de calamidade pública. Os dejetos já atingem o Rio Araguari, um dos principais do Amapá e, segundo levantamento da Defesa Civil estadual, a contaminação atinge uma área de cerca de 150 km fluviais. A ruptura da barragem afeta gravemente a vida da população ribeirinha e o meio ambiente. A Secretaria de Meio Ambiente do estado está avaliando o grau de contaminação e busca saber se há a presença de metais pesados. A Defesa Civil informou que por enquanto cerca de 4 mil pessoas estão sendo afetadas pelo dano ambiental. O Ministério da Integração e Desenvolvimento Regional foi acionado devido à gravidade da situação. De acordo com o G1, em quatro anos, a área do maior garimpo ilegal do estado, localizado na região norte, aumentou cerca de 4,2 mil hectares. Nesse período, teriam sido extraídas ilegalmente duas toneladas de ouro, o que equivale a R\$ 642 milhões. Ao que tudo indica não há fiscalização, parece haver vista grossa a uma atividade predadora ilegal, mas que dá muita grana

Lula se choca com a inviabilidade de seu projeto capitalista



Presidente Lula . Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

A popularidade do governo Lula está no seu menor patamar histórico. Apesar de o governo ficar repetindo os bons índices econômicos oficiais, estes não cumprem nenhum efeito prático positivo em sua popularidade. Mesmo com crescimento econômico e inflação mais ou menos controlada para os padrões brasileiros, a vida do povo não melhora, e nem café consegue tomar.

Especula-se se Lula teria mudado, se estaria isolado da realidade. Mas Lula vem fazendo exatamente o que sempre fez. Faz um discurso para parecer que defende os trabalhadores e, na prática, faz outra coisa para agradar a direita e os bilionários capitalistas.

O anúncio dos cortes no orçamento junto com o tema da isenção do Imposto de Renda foi um

exemplo disso. Na prática, atendeu os interesses dos bilionários capitalistas, enquanto a medida, ainda que limitada, mas que poderia beneficiar minimamente os trabalhadores, foi relegada para um futuro indefinido. Os trabalhadores acreditam cada vez menos no governo, enquanto a burguesia exige cada vez mais.

DECADÊNCIA E SUBORDINAÇÃO DO PAÍS

Lula sonha com um país e um capitalismo que não existem mais. O Brasil é um país decadente que, inclusive o próprio PT e o PSDB ajudaram a construir. Por isso, as políticas atuais não resultam na popularidade dos governos anteriores. O ciclo de boom das commodities antes da crise de 2008 mascarou temporariamente as contradições do capitalismo brasileiro.

Lula surfou na época certas condições que permitiu ao governo privilegiar as grandes empresas capitalistas, enquanto os trabalhadores tiveram um certo aumento do consumo à custa de endividamento e empregos precários. Ou seja, não houve nenhuma mudança estrutural para os trabalhadores. Na verdade, a mudança foi pra pior, com o país se desindustrializando e se reprimarizando, subordinando-se cada vez mais aos diferentes setores do imperialismo.

No marco desta longa crise, com o agravamento das disputas entre os setores capitalistas e os países imperialistas, o capitalismo tem cada vez menos espaço para propostas como a de Lula, já que vem arrastando o mundo à barbárie, guerras, catástrofes ambientais e o avanço da extrema direita. O lulismo, ao abraçar alianças espúrias com o grande empresariado, o agronegócio e o centrão, e ao priorizar a suposta “governabilidade” em vez

de enfrentar os capitalistas, deixa o terreno fértil para que a ultradireita canalize o ódio social para seus projetos autoritários. A extrema direita não é um acidente, mas o fruto de décadas de aprofundamento do capitalismo, de conciliação de classes, de abandono da luta anticapitalista e da ilusão de que é possível humanizar o neoliberalismo. Agora, com o governo Lula 3 repetindo receitas fracassadas, a extrema direita se reorganiza, usando um discurso antissistema para esconder a responsabilidade do próprio sistema capitalista.

FALÊNCIA DA POLÍTICA DE ALIANÇA COM OS CAPITALISTAS

Lula cede às exigências da burguesia por mais ataques aos trabalhadores. Mesmo assim, parte da extrema direita ensaia uma campanha pelo impeachment, embora Bolsonaro defenda “tirar” Lula só na eleição de 2026. A política de conciliação do PT e de fazer um neoliberalismo supostamente inclusivo mostra todo seu esgotamento. Este é o problema central.

Haveria uma saída, mas Lula teria que escolher o caminho da mobilização dos trabalhadores e do povo e do enfrentamento com a burguesia, a ruptura com o capitalismo e o imperialismo, implementando medidas que atendam os trabalhadores e ataque o lucro das 200 maiores empresas que controlam o país, invertendo completamente como as coisas funcionam no Brasil. Mas isso não acontecerá porque significaria Lula não ser o Lula, e o PT não ser o PT.

APOIAR O GOVERNO LULA É ENTREGAR A OPOSIÇÃO À ULTRADIREITA

Setores majoritários do PSOL, como Boulos e a Resistência, e também a UP, dizem que não é hora de criticar o governo ou PT. Só que desconsideram

que para derrotar a extrema direita e os riscos que ela representa, o apoio ao governo dificulta, já que impede a criação de uma saída de esquerda que seja independente da burguesia, com um programa revolucionário e socialista.

Ficar a reboque do governo é entregar o espaço da oposição todinho para a direita. E com o governo atendendo os capitalistas, qual trabalhador que está errado ao questionar o preço do café e da carne e ficar com raiva do governo? Os trabalhadores não estão parados. Há a mobilização pelo fim da escala 6x1, há uma série de greves e lutas, que demonstram a disposição dos trabalhadores para garantir suas reivindicações. Mas nada disso o governo atende. Por isso, a tarefa de construir uma oposição de esquerda ao governo é tão urgente.

Não dá para esperar uma volta no tempo, a um mundo onde não exista a extrema direita. Este é o novo normal. A escolha não é entre Lula e Bolsonaro, mas entre a barbárie capitalista com suas duas caras diferentes (uma autoritária e a outra da conciliação), ou uma alternativa realmente dos trabalhadores contra este sistema capitalista. Os defensores do governo afirmam que o governo está fazendo o possível e está sendo derrotado pela ala conservadora. Se acham que estão acossados pela direita e, por isso, não conseguem governar, por que colocam cada vez mais gente de direita e do centrão no governo?

É injustificável, em nome do combate à extrema direita, aderir ao governo que faz acordos com a direita. O PSOL compõe o governo, mas sua direção quer aderir ainda mais e, por isso, se lança contra qualquer voz minimamente crítica ao governo. Não é coincidência, inclusive, que neste momento tenha uma caça às bruxas no PSOL com a demissão

do economista e assessor Deccache e várias medidas de cerceamento dos setores de oposição à direção majoritária do PSOL encabeçada por Boulos. A falta de apoio à luta de Glauber Braga para manter seu mandato, por exemplo, é impressionante.

OPOSIÇÃO DE ESQUERDA É A ÚNICA FORMA DE CONSTRUIR INDEPENDÊNCIA DE CLASSE

A esquerda do PSOL deveria refletir e concluir que é impossível ser independente do governo no marco do apoio ao governo. As críticas que fazem ao governo como, por exemplo, o rumo da política econômica, são importantes. Mas têm alcance curto ao não romperem com o governo, passando à oposição de esquerda a ele. E no fim acabam compondo o governo e o campo da colaboração de classes ainda que com críticas. Isto não ajuda a organização independente dos trabalhadores.

**É impossível derrotar
a extrema direita em
aliança ou confiando
na burguesia.**

Só é possível ser independente da burguesia sendo oposição de esquerda a este governo. Para enfrentar os ataques dos governo, lutar pelos direitos dos trabalhadores e derrotar a extrema direita, é preciso defender um projeto alternativo que seja socialista e de poder dos trabalhadores.

16 DE FEVEREIRO

Manifestações foram realizadas em todo o país pelo fim da escala 6x1

 DA REDAÇÃO

O dia 16 de fevereiro ficou marcado como o 3º Dia Nacional de Luta pelo Fim da Escala 6×1. Manifestantes foram às ruas pela redução da jornada de trabalho, sem redução de salários e direitos. Aconteceram atividades em mais de 50 cidades das cinco regiões do Brasil, sendo 16 capitais e o Distrito Federal.

“A verdade dói, quem gosta da escala 6×1 é patrão ou playboy” foi a palavra-de-ordem que ecoou com força em todas as manifestações. Com faixas e cartazes, exigia-se do governo Lula e dos deputados a aprovação da escala 4×3 (quatro dias de trabalho e três de descanso), com 30h semanais de trabalho. Esse modelo já é utilizado em alguns países: Portugal, Inglaterra e Suécia.

O 3º Dia Nacional de Luta pelo Fim da Escala 6×1 foi aprovado em uma plenária nacional realizada em janeiro. O PSTU, a CSP-Conlutas e o Coletivo Rebeldia assinaram o manifesto de convocação da plenária.

Novas ações serão realizadas. Veja mais abaixo entrevista com a operária Renata França, militante do PSTU e integrante da campanha pelo fim da escala 6×1.



SÃO PAULO



BELO HORIZONTE



RIO DE JANEIRO



SALVADOR



MANAUS



FORTALEZA



CAMPINAS



PORTO ALEGRE

ENTREVISTA

“Não daremos um segundo de descanso aos capitalistas, ao Congresso e a todos os governos até o fim dessa escala desumana”

O Opinião Socialista conversou com a operária Renata França, militante do PSTU e integrante da campanha pelo fim da escala 6x1

 ROBERTO AGUIAR
DE SÃO PAULO (SP)



Opinião Socialista - Qual a avaliação do 3º Dia Nacional de Luta pelo Fim da Escala 6×1?

Renata França - Aconteceram atividades, como atos e panfletagens, em mais de 50 cidades, sendo 16

capitais e o Distrito Federal. Foi um dia de luta mais forte que o anterior. Isso mostra que a pauta segue viva, o que ficou demonstrado também pelo apoio popular aos atos.

Opinião Socialista - Os atos exigiram um posicionamento do governo Lula. Ano passado, o ministro Luís Marinho defendeu a negociação entre patrão e trabalhador como saída, sendo que as negociações têm imposto escalas como a 10×1 praticada na rede Zaffari. O que Lula poderia de fato fazer para pôr fim à escala 6×1?

Renata França - *Lula poderia sancionar uma Medida Provisória que proibisse a escala 6×1 e chamar todo movimento social às ruas, construir uma greve geral, para que, assim, baseado na força do movimento, revogasse a reforma trabalhista e empalmasse a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) pela redução da jornada de trabalho, sem redução de salários e direitos. Mas o PT, que tanto critica a correlação de forças desfavorável no Congresso, preferiu apostar na frente ampla com o Centrão e setores da direita bolsonarista, do que se apoiar no movimento de massas. Vários canais de mídia ligados ao PT questionaram os rumos do movimento, alertando o perigo de transbordar, sair do controle deles e atacaram os que criticavam pela esquerda o governo. O fantasma da volta da ultradireita tem sido usado para blindar um governo que tem atendido apenas à pauta dos banqueiros, dos grandes empresários e do agronegócio.*

Opinião Socialista - E como derrotaremos a ultradireita?

Renata França - *O fim da escala 6×1 é uma pauta que nos permite desmascarar os representantes da ultradireita. Nas redes sociais, o deputado Nikolas Ferreira (PL) foi pressionado pelos seus próprios seguidores e tenta se desviar do debate. O falso argumento de que a redução da jornada geraria crise econômica e inflação não se sustenta. O que esses ultraliberais querem é aumentar o patamar de exploração com a desregulamentação total da jornada, sem direitos. Mas a postura do governo Lula só fortalece a ultradireita. Sua política fiscal, de favorecimento do agro, tem levado a inflação dos alimentos às alturas. Não é à toa que essa situação tem gerado insatisfação popular.*

Opinião Socialista - O que esperar da tramitação da PEC no Congresso Nacional?

Renata França - *A tramitação da PEC não é um fim em si, é apenas um meio para concretizar, na forma da lei, essa luta que só será vitoriosa se ultrapassar a via institucional. A redução da jornada, sem redução de salários, só virá com pressão popular. Ainda que tentem convencer os trabalhadores de que o Congresso é a casa do povo, o Congresso e o Senado são balcões de negócios dos capitalistas e não devemos subordinar nossa luta aos seus tempos e trâmites.*

O fantasma da volta da ultradireita tem sido usado para blindar um governo que tem atendido apenas à pauta dos banqueiros, dos grandes empresários e do agronegócio

Opinião Socialista - O que esperar da tramitação da PEC no Congresso Nacional?

Renata França - *A tramitação da PEC não é um fim em si, é apenas um meio para concretizar, na forma da lei, essa luta que só será vitoriosa se ultrapassar a via institucional. A redução da jornada, sem redução de salários, só virá com pressão popular. Ainda que tentem convencer os trabalhadores de que o Congresso é a casa do povo, o Congresso e o Senado são balcões de negócios dos capitalistas e não devemos subordinar nossa luta aos seus tempos e trâmites.*

Opinião Socialista - Sentimos a falta do Movimento Vida Além do Trabalho (VAT) nos atos. Por que eles não participaram?

Renata França - *O VAT foi convidado para a plenária nacional que deliberou o dia 16 como dia nacional de luta. Também foi convidado para as reuniões regionais e a todos os atos que temos construído. Contudo, tem uma estrutura cada vez mais*

centralizada, onde seus membros não têm espaço para crítica e construção coletiva. Está perdendo seu caráter de movimento social, se limitando às ações do mandato de Rick Azevedo. Mas muitos ativistas do VAT seguem construindo as mobilizações e alguns estiveram nas manifestações desse dia 16, ainda que a coordenação do VAT não tenha se posicionado e convocado as mobilizações. As centrais sindicais também sequer convocaram os atos, apenas a está jogando suas forças na construção do movimento. Todos os ativistas do VAT e demais organizações são bem-vindos para somar através dos espaços democráticos e abertos que temos fomentado.

Todos os ativistas do VAT e demais organizações são bem-vindos para somar através dos espaços democráticos e abertos que temos fomentado.

Opinião Socialista - Por fim, quais serão os próximos passos da campanha?

Renata França - Como aprovado na Plenária Nacional, realizaremos reuniões e plenárias por região, buscando atrair mais trabalhadores da escala 6x1 e seguir construindo um calendário de luta e ações nos locais de trabalho. Estaremos novamente nas ruas no próximo dia 8 de março, vamos gritar bem alto que as mulheres trabalhadoras não são escravas, que a redução da jornada é urgente para nós que fazemos uma dupla jornada e recebemos os piores salários. Assim como levantaremos a bandeira do fim da escala 6x1 também no 1º de Maio, dia que teve origem na luta dos operários norte-americanos pela redução da jornada. Não daremos um segundo de descanso para os capitalistas, para este Congresso reacionário e para todos os governos, até que seja proibida essa escala desumana.

Lula pressiona por exploração de petróleo na Amazônia



JEFERSON CHOMA
DE SÃO PAULO (SP)



O vazamento de petróleo que ocorreu em 2019 afetou 11 estados, sobretudo do Nordeste. Até hoje seus impactos são sentidos.

O presidente Lula voltou a carga para defender a exploração de petróleo na foz do Rio Amazonas, na chamada Margem Equatorial. Dessa vez, Lula atacou diretamente o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis): “Talvez essa semana ainda vá ter uma reunião da Casa Civil com o Ibama e nós precisamos autorizar a Petrobras faça pesquisa [na Margem Equatorial]. É isso que queremos. Se depois vamos explorar é outra discussão. O que não dá é ficar nesse lenga-lenga”, afirmou em entrevista a Rádio Diário FM, de Macapá.

A declaração foi repudiada por várias

organizações sociais, ambientais, indígenas e quilombolas que já haviam publicado nota repudiando outra declaração de Lula no começo de fevereiro. Apontaram principalmente para o discurso contraditório do governo que faz declarações sobre a necessidade de se combater o aquecimento global, enquanto pressiona pela abertura de novas frentes de petróleo.

Mas a declaração de Lula incomodou particularmente os servidores do IBAMA, órgão fustigado por sucessivos golpes do governo Bolsonaro para “passar a boiada” sobre a fiscalização e a legislação ambiental do país.

O IBAMA não deve servir a qualquer governo de plantão. A responsabilidade de seus servidores é de avaliar impactos ambientais, de forma independente e sob estritos critérios científicos. Pela lei, existe uma norma a ser percorrida. A questão é que a Petrobras simplesmente não consegue cumpri-la. Não consegue comprovar que pode explorar petróleo na Foz do Amazonas sem comprometer o meio ambiente, evitar e combater um vazamento de petróleo que pode liquidar todo um delicado ecossistema. É por isso que, no ano passado, uma nota técnica assinada por 13 especialistas do IBAMA recomendou a negativa da licença devido “a falhas persistentes no processo”.

NÃO É SÓ ESTUDO. É EXPLORAÇÃO

Lula diz que a licença é só para maiores estudos, e não para exploração. Esse argumento é enganoso. A Petrobras não pediu licença para um simples estudo, mas sim para perfuração exploratória, com o nítido objetivo de avançar rumo à exploração comercial.

Aliás, o governo federal lançou um edital para leiloar novos blocos na região, confirmando a

marcado para 7 de junho, prevê o arremate de 47 blocos que estão na bacia da Foz do Amazonas.

DETONAR A AMAZÔNIA E ENTREGAR PETRÓLEO AO IMPERIALISMO

Aliás, o destino desses blocos que serão leiloados será, indubitavelmente, o mesmo dos atuais blocos de petróleo da Margem Equatorial: cairá nas mãos das petroleiras imperialistas.

Atualmente a Petrobras detêm 16 blocos na Margem, a metade deles será explorada em parceria com a multinacional britânica-holandesa Shell, como o próprio Lula já admitiu. A Shell ainda detém sozinha mais 11 blocos, e muitas outras petroleiras privadas (nacionais e estrangeiras) tem o restante dos blocos na região.

A Petrobras tenta obter a licença porque no passado outras petroleiras estrangeiras fracassaram na empreitada, tal como a petroleira francesa Total. Caso obtenha o licenciamento, a Petrobras vai abrir caminho para todas elas e haverá uma enxurrada de licenciamentos para exploração na região.

É falacioso o argumento do governo de que a exploração do petróleo na Amazônia é necessária para a transição energética ou a reindustrialização do país. Além de muitos campos estarem nas mãos das multinacionais, toda a exploração da Margem Equatorial vai se dar no marco de uma profunda desnacionalização do petróleo brasileiro. O fim do monopólio estatal do petróleo (em 1997), os leilões de campos de petróleo (tal como do pré-sal) ou a privatização de refinarias e da BR distribuidora, são alguns episódios do entreguismo recente. Hoje o país exporta óleo cru e importa refinado, pagando

exporta óleo cru e importa refinado, pagando em dólar.

PRA QUEM VAI A RENDA DO PETRÓLEO?

Além disso, a Petrobras se converteu em uma empresa de capital misto e mais de 62% de suas ações estão nas mãos de investidores privados (46% estrangeiros e 16% nacionais). São os acionistas privados que embolsam a renda petroleira. Em 2022 e 2023, a Petrobras foi a petroleira que mais pagou dividendos no mundo aos seus acionistas. Pagou R\$ 72,7 bilhões em 2021, R\$ 194,6 bilhões em 2022, e R\$ 98,2 bilhões em 2023.

Em dólar a conta soma US\$ 57,6 bilhões, um valor muito maior que as outras petroleiras – a Exxon Mobil pagou US\$ 29,8 bilhões, a Chevron US\$ 22,3 bilhões e Petrochina US\$ 20,4 bilhões. Neste esplendor do escândalo, é óbvio que a renda do petróleo da Margem Equatorial vai seguir o mesmo caminho do pré-sal: engordar os bolsos dos acionistas privados da Petrobras. É por isso que a petroleira investe míseros US\$ 5,2 bilhões em energia renovável, conforme seu Plano Estratégico 2024-2028. A verdade é que os acionistas privados da Petrobras são o maior obstáculo a qualquer política de transição energética no país.





O CAMINHO PARA A TRANSIÇÃO

O caminho de uma transição energética soberana passa pela Petrobras, mas convertida numa empresa de energia renovável. Não precisamos detonar a Amazônia e despejar mais carbono na atmosfera, arriscando uma aventura sem retorno rumo à catástrofe climática. Precisamos nacionalizar todos os recursos energéticos do país, inclusive a Petrobras que deve ser 100% estatal, sob o controle dos trabalhadores. Assim é possível utilizar a renda petroleira atual para investir massivamente em pesquisas e no desenvolvimento de energia renovável, assegurando de forma soberana a transição, que garanta os empregos e crie novos empregos com novas frentes de pesquisa.

Não precisamos detonar a Amazônia e despejar mais carbono na atmosfera, arriscando uma aventura sem retorno rumo à catástrofe climática. Precisamos nacionalizar os recursos energéticos, inclusive a Petrobras que deve ser 100% estatal, e utilizar a renda petroleira para investir no desenvolvimento de energia renovável.

COP 30

Movimentos precisam se mobilizar para que não rifem nosso futuro



Movimento indígena protesta contra governo do Pará.

Enquanto o governo Lula se utiliza do desenvolvimentismo fóssil, também acelera o passo para liberar a exploração de petróleo na Amazônia ainda neste semestre. Isso porque o Brasil vai sediar a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30), que será realizada em Belém, no meio da Amazônia. Mas o evento já dá todos os sinais de que poderá se transformar em palco de petroleiras e até mesmo do agronegócio. André Corrêa do Lago, o presidente da COP 30 nomeado por Lula, já disse não ver contradição entre petróleo na Foz do Amazonas e agenda da Conferência.

Já o governador do Pará, Helder Barbalho (MDB), se enfrentou por 23 dias com a ocupação da Secretaria de Educação do Pará (Seduc) realizada

por povos Indígenas, que fizeram o governador recuar dos ataques à educação e aos territórios. O Pará é o estado líder nas emissões de carbono no país, seguido pelo Mato Grosso. Mais de 48% das emissões brasileiras provém do desmatamento e das queimadas.

É com independência e com a combatividade demonstrada pelos povos indígenas que ocuparam a Seduc, que os movimentos sociais, dos trabalhadores e da juventude devem se organizar e tomar a COP 30 e impedir que rifem nosso futuro, transformando a catástrofe climática em mais um negócio. Esse será um momento para exigir e denunciar as ações dos governos que promovem a destruição ambiental, a energia fóssil e o agronegócio que aniquila as florestas e seus povos.

BRASIL VIRANDO FORNO

O calor não é igual pra todo mundo

O país está vivendo uma intensa onda de calor. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a combinação do calor e da umidade pode fazer que a sensação térmica atinja impressionantes 70 °C em algumas cidades. Janeiro de 2025 foi o mês mais quente já registrado, com uma temperatura média global 1,75°C superior à média do período pré-industrial (1850–1900). Em toda história da jornada humana, o clima da Terra esteve tão quente. Há cientistas que já afirmam a possibilidade de atingirmos a barreira dos 2°C até 2032, uma situação absolutamente factível face as medidas anunciadas por Trump, retirando os Estados Unidos do Acordo de Paris para “perfurar mais poços de petróleo”. O ritmo acelerado do aquecimento pode ser visto no aumento da frequência das ondas de calor.

Segundo o Inpe, até os anos 1990, as ondas de calor duravam sete dias em média. Os dados mais recentes indicam mais de 50 dias de calor atípico em média por ano. Mas o calor não é igual pra todo mundo.

A maioria dos trabalhadores sequer tem a disposição o ar-condicionado e muitos trabalham ao ar livre. Outros sequer podem pagar uma conta de energia cara. Estudos indicam uma diferença de quase 10°C na sensação térmica de bairros próximos, um arborizado e outro precário e com suas ruas estreitas.

É o caso do Morumbi e Paraisópolis, por exemplo, em São Paulo, como indicou uma pesquisa realizada pela Universidade Mackenzie. Além disso, a população pobre da periferia sofre com falta de água crônica, que tende a se agravar pelas privatizações do saneamento.

Os efeitos do aquecimento já são uma realidade. A população trabalhadora precisa lutar por medidas de adaptação climática como suspensão do trabalho (sem suspensão de salário) nos dias de calor extremo, climatização adequada nas escolas, na saúde e nos transportes públicos.■

INFLAÇÃO

Quem ganha com a disparada dos preços da comida?



DA REDAÇÃO

Ir ao supermercado vem se tornando um fardo cada vez maior para as famílias trabalhadoras. O café se tornou o símbolo dessa escalada de preços. Seu preço nas gôndolas do supermercado aumentou 39,6% no ano passado. Viralizaram os “cafés fakes”, galhos e folhas de restos da produção de café, embalados e postos à venda como “bebida à base de café”. Já a carne acumula uma alta de mais de 20%. Nem o ovo escapa, aumentando 40% só na segunda quinzena de janeiro.

O governo e seus apoiadores querem fazer crer que está tudo bem, e que o problema é de “comunicação”. O que acontece, na realidade, é que a inflação oficial aparece menor, pois os preços dos alimentos, que atingem sobretudo as famílias mais pobres, se diluem por toda a economia e faixas salariais. Mas comer em casa, por exemplo, ficou 8% mais caro em 2024, o dobro da inflação oficial. Não há marqueteiro que esconda essa realidade. Mas o Brasil não é o maior produtor, tanto de café quanto de carne bovina, do mundo? Por que os preços estão aumentando tanto? Quem ganha com isso?

NO CAPITALISMO, A BANCA SEMPRE VENCE

A crise climática afetou algumas culturas, como a de tomate. Mas no caso da carne e do café, o que fez os preços explodirem não foi um problema de produção. Muito pelo contrário, em 2024 o país bateu recordes. A questão é que a maior parte do

que é produzido aqui está nas mãos de algumas poucas empresas transnacionais, verdadeiras gigantes que controlam a produção de commodities (produtos agrícolas e minerais considerados primários e de baixo valor agregado negociados como mercadoria), cujos preços são definidos em dólar, pelo mercado internacional, principalmente na Bolsa de Valores de Chicago.

Isso significa que um conjunto de bilionários domina a produção agropecuária brasileira, atendendo a demanda do mercado internacional e os preços definidos em Chicago. Preços esses determinados por banqueiros e investidores que também lucram especulando com as commodities. Ou seja, não produzem para atender as necessidades da população, mas para atender o mercado e os capitalistas. A cotação em dólar do café e da carne subiram na bolsa? Bom para eles que lucrarão mais, ruim para você que vai pagar mais no mercado.

Isso se agrava ainda mais com a alta do dólar. No ano passado, em meio à expectativa do pacote de cortes do governo Lula, houve uma “fuga” massiva de dólares que especulam aqui, dando lastro à chantagem do mercado (banqueiros e capitalistas em geral) para que se cortasse ainda mais. O pacote fiscal apresentado por Haddad, e aprovado no Congresso Nacional, atende aos interesses dos bilionários ao rebaixar o reajuste do salário mínimo, atacar o BPC (Benefício de Prestação Continuada), e o abono salarial, mas parte desse mercado exige ainda mais sangue, uma espécie de Plano Milei de terra arrasada.

A resposta do governo foi subir ainda mais os juros, e prometer mais medidas de austeridade, como a desvinculação dos pisos nacionais da Saúde e da Educação, além de se começar a aventar uma nova reforma da Previdência.

Mesmo com a política de arcabouço e ajuste fiscal sobre os mais pobres, o dólar explodiu e continua nas alturas, pressionado também pelas medidas imperialistas do governo Trump. Quem ganha com isso? Os próprios megainvestidores que especulam com a moeda, e, mais uma vez, as mesmas grandes empresas que dominam o agronegócio, que lucram ainda mais com as exportações. Seja exportando, seja vendendo o que resta aqui, eles sempre ganham às custas da inflação nas costas dos mais pobres.

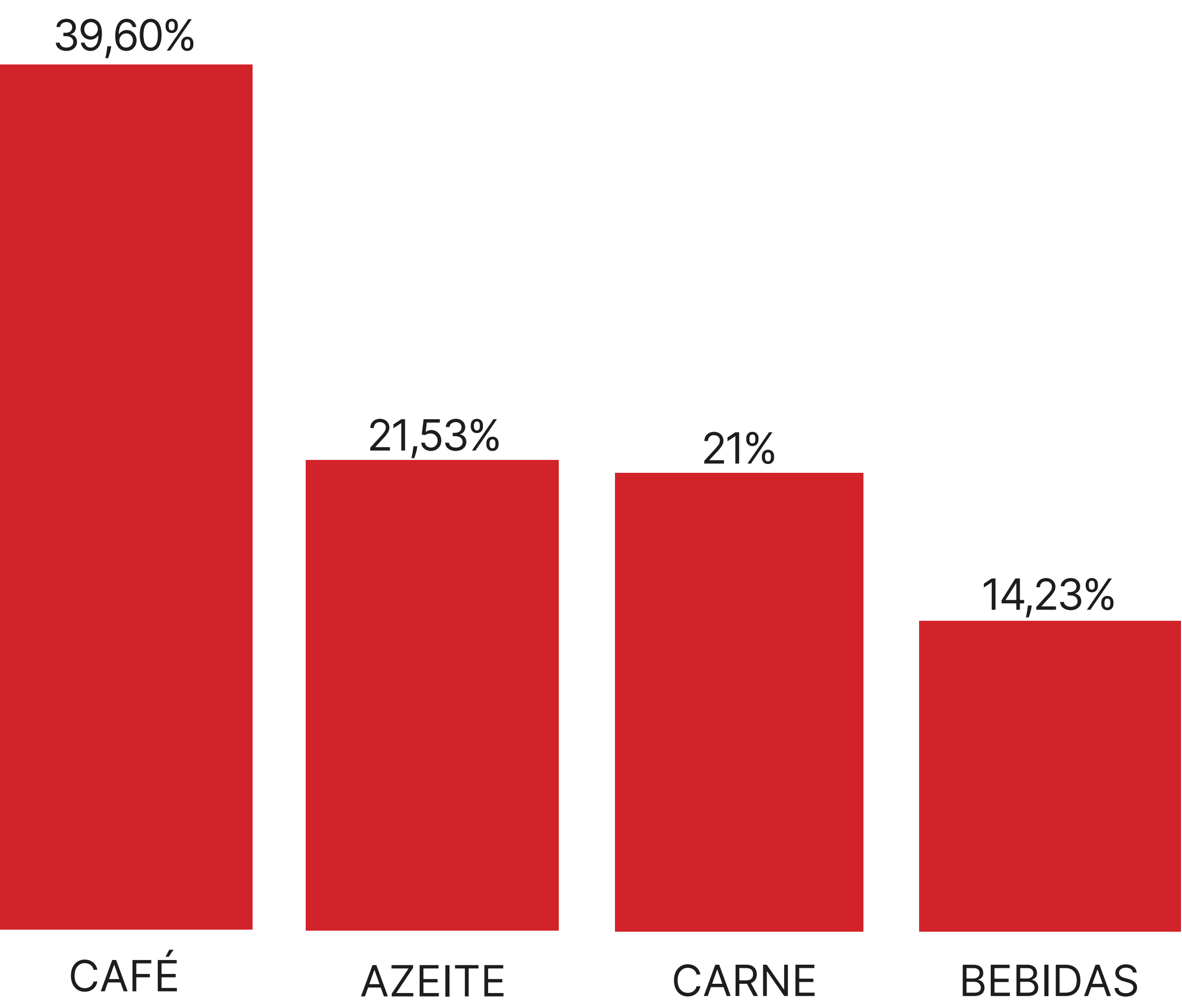
Isso mostra a lógica absurda do capitalismo, onde os capitalistas ganham independente da taxa de inflação, ou a cotação do dólar. Mas os efeitos disso recaem sempre sobre os trabalhadores, em qualquer cenário, agravado pela completa subordinação do país ao mercado internacional, aos monopólios e ao grande agronegócio. Expressão ainda do processo de reprimarização da economia, em que o país é rebaixado à condição de exportador de commodities.



Na lógica do capitalismo, os bilionários sempre vencem, independente da inflação ou do dólar.

NAS ALTURAS

INFLAÇÃO DOS ALIMENTOS (ACUMULADO DE 2024) - IBGE



INFLAÇÃO OFICIAL

4,83%

INFLAÇÃO DOS ALIMENTOS

8,23%

TUDO DOMINADO

CONFIRA AS MAIORES EMPRESAS DO AGRONEGÓCIO QUE ATUAM NO BRASIL | LEVANTAMENTO ILAESE

- CARGIL - EUA
- BUNGE ALIMENTOS - EUA
- COFCO INTERNATIONAL - CHINA
- AMAGGI - BRASIL
- LOUIS DREYFUS COMPANY - FRANÇA

PROGRAMA

Não é possível baixar os preços dos alimentos sem enfrentar os monopólios capitalistas do agronegócio

Para resolver a inflação dos alimentos é necessário um conjunto de medidas que reduzam e controlem os preços, garantindo soberania alimentar e comida à população. Isso passa, inevitavelmente, por enfrentar o atual modelo agroexportador que só beneficia um punhado de bilionários que lucra com a dolarização dos preços, o mercado financeiro que lucra com o câmbio, e a política de ajuste e arcabouço fiscal do governo Lula, que corta e ataca direitos e o salário mínimo para beneficiar os banqueiros. Passa ainda pela reforma agrária e uma política de subsídios e financiamento à pequena agricultura familiar, responsável por abastecer grande parte das mesas dos brasileiros.

1 REDUÇÃO IMEDIATA DOS PREÇOS E AUMENTO DOS SALÁRIOS

É necessário impor a redução imediata dos preços dos alimentos de produção intensiva, como carne e café. Além de garantir um aumento salarial automático às famílias trabalhadoras a cada eventual aumento nos preços. Se os alimentos subirem 8%, aumentam-se os salários, aposentadorias e benefícios em 8%, para além da inflação oficial e o reajuste do salário mínimo.

2 NACIONALIZAÇÃO DO SISTEMA FINANCEIRO SOB CONTROLE DOS TRABALHADORES

Não é possível que o país fique refém de mega fundos estrangeiros, bilionários e banqueiros que chantageiam e, de forma forçada, jogam o dólar

para cima como ameaça a ainda mais ataques aos pobres e direitos sociais. É necessário ter o controle do sistema financeiro e do câmbio que hoje funciona para que o capital estrangeiro imperialista saqueie cada vez mais o país.

3 GARANTIR OS ESTOQUES REGULADORES

É necessário retomar de fato a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), formando estoques reguladores de emergência. Esses estoques poderiam ser formados a partir da requisição, sem qualquer contrapartida, de partes da produção agropecuária das empresas bilionárias. Trata-se de uma medida fundamental para garantir a segurança alimentar da população, que não pode ficar nas mãos dos grandes grupos estrangeiros.

Cooperativas agrícolas e a agricultura familiar poderiam ser mais integradas a esse sistema, com o governo não só comprando parte de sua produção, como financiando e subsidiando esses setores. Planificar a produção e distribuição de alimentos amenizaria parte dos prejuízos causados pela crise climática, que tem inclusive o grande agronegócio como um dos principais responsáveis.

4 EXPROPRIAR AS GRANDES EMPRESAS DO AGRONEGÓCIO

A história já mostrou que os capitalistas não abrem mão de seus lucros de forma voluntária. Se os monopólios do agro insistirem em inflar seus preços, produzir para a especulação, ou boicotar a produção para forçar a falta de produtos básicos e subir os preços novamente, não resta outra alternativa que não expropriar o grande agronegócio, e colocá-lo sob o controle dos trabalhadores. Desta forma, a produção não iria para abastecer o mercado externo ou a especulação, mas suprir as necessidades do povo.

5 REFORMA AGRÁRIA RADICAL SOB O CONTROLE DOS TRABALHADORES

Quem garante grande parte da alimentação da população nas cidades é a pequena agricultura familiar. Para garantir alimentos baratos é preciso garantir uma ampla e radical reforma agrária, tomando parte das terras que hoje produzem soja ou milho para alimentar gados na China, para, nas mãos das famílias agricultoras, produzirem comida para o mercado interno. Com financiamento e subsídios do governo, que poderiam muito bem vir dos R\$ 400 bilhões do Plano Safra que hoje vai para as multinacionais do agro.

6 EXPROPRIAR AS MAIORES REDES VAREJISTAS

Além de acabar com os grandes monopólios do agronegócio, e garantir a produção de alimentos baratos à população, é preciso não deixar a distribuição nas mãos das grandes redes varejistas. Verdadeiros oligopólios que manobram e cartelizam a comercialização dos produtos. Grupos como o Zaffari que, além de tudo, impõe jornadas desumanas de 10×1 a seus trabalhadores. É preciso expropriar as grandes redes de supermercados, organizando e planificando a distribuição de alimentos e produtos básicos, além de incentivar e subsidiar o pequeno negócio.



CRISE

Um governo capitalista subordinado ao agronegócio e ao imperialismo

Numa declaração tão desastrosa quanto cínica, Lula culpou o próprio povo pela inflação. “Uma das coisas mais importantes para que a gente possa controlar o preço é o próprio povo. Se você vai no supermercado e você desconfia que tal produto está caro, você não compra”, afirmou. E não se trata de Fake News ou uma fala fora de contexto, ele disse exatamente essa besteira.

A extrema direita aproveitou para “fazer a festa”. Parlamentares bolsonaristas tiveram a “cara de pau” de estampar bonés com a inscrição “Comida barata novamente, Bolsonaro 2026”. Isso sendo que a alta dos alimentos em 2020, com a economia sob comando de Bolsonaro e Paulo Guedes, foi de 14%. E mesmo em 2022, com o fim da pandemia, registrou 12%.

Ao contrário do que afirma a extrema direita, porém, o governo Lula não é inimigo do agronegócio, pelo contrário, financia o setor com o maior Plano Safra da história para que produzam como nunca, exportem e encham os bolsos. Observe a loucura: estamos pagando para que a carne e o café fiquem mais caros.

A ULTRADIREITA DEFENDE AINDA MAIS O CAPITALISMO

A extrema direita denuncia que a inflação é fruto de uma suposta política de Lula contra o agro e o capitalismo. Omitem que o problema não é falta de capitalismo, mas sim que é justamente o capitalismo monopolista que a está impulsionando os preços em nome de seus lucros. Defendem mais benefícios

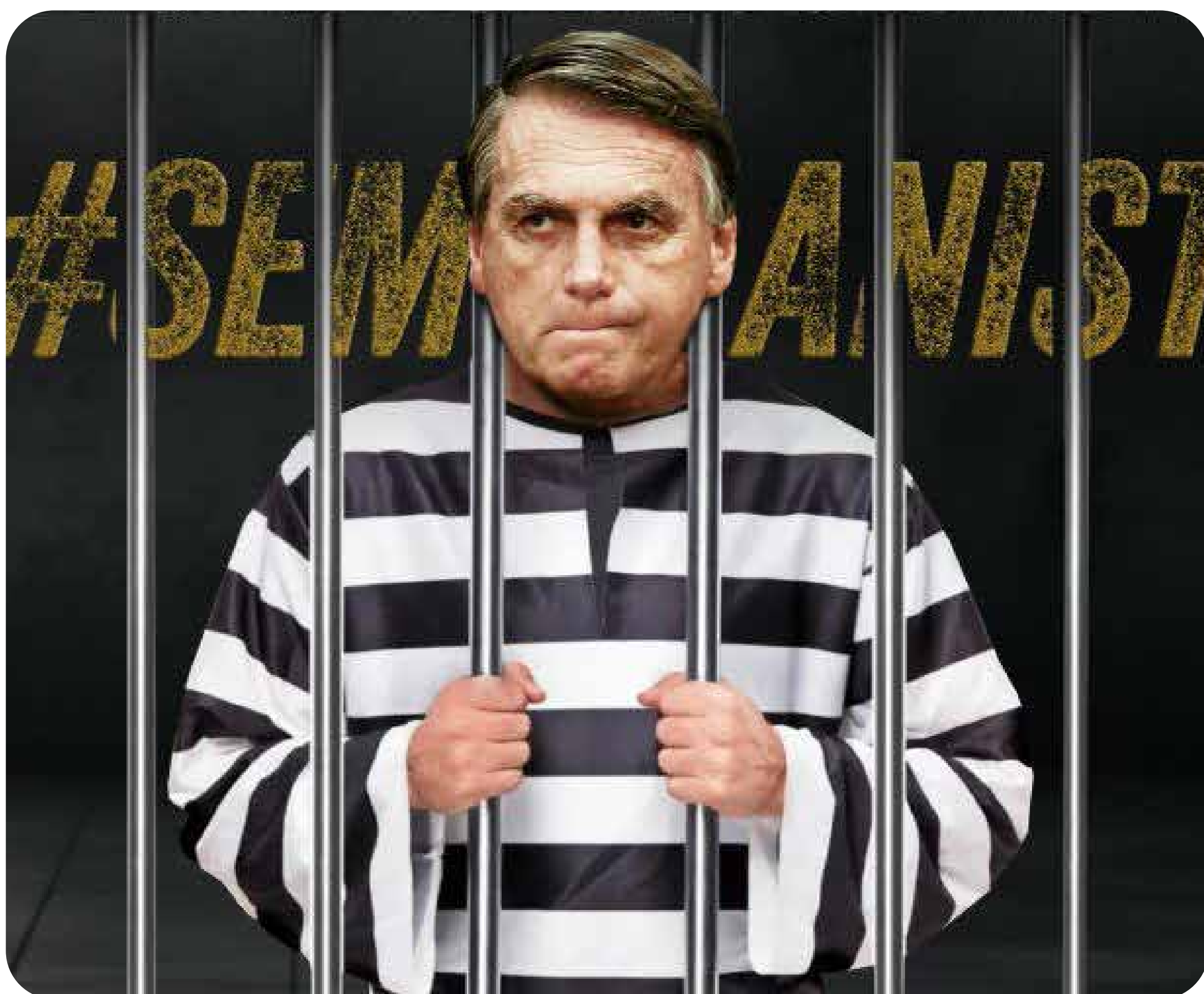
ao agro e uma política ainda mais avassaladora contra os trabalhadores, o meio ambiente e os povos originários. Não foi por menos que um setor do agronegócio financiou e organizou a tentativa golpista de Bolsonaro.■

Extrema direita quer ainda mais benefícios ao agro e esconde que, sob Bolsonaro, a inflação sobre os mais pobres explodiu.



Prisão para todos os golpistas e seus financiadores

 DIEGO CRUZ
DA REDAÇÃO



Às vésperas do fechamento desta edição, o Procurador Geral da República (PGR), Paulo Gonet, finalmente apresentou sua denúncia contra Bolsonaro. Trata-se de um relatório, com base na investigação da Polícia Federal, com 276 páginas, narrando a tentativa de golpe de Estado encabeçada por Bolsonaro e a cúpula das Forças Armadas. Dentre os crimes elencados estão a tentativa de golpe de Estado e participação em organização criminosa.

A denúncia se baseia não só em delação premiada, mas num conjunto robusto de provas, como documentos, planilhas, áudios interceptados ou recuperados, além de depoimentos. Consta até mesmo um discurso já pronto para ser proferido por

Bolsonaro logo após seu sonhado golpe. Mostra ainda a relação entre o ataque às urnas eletrônicas, os bloqueios de estradas (financiados por políticos da ultradireita e empresários), os acampamentos nos quartéis até o fatídico 8 de janeiro, no contexto da tentativa de se tomar o poder e, na prática, se instaurar uma ditadura no país.

A ULTRADIREITA DEFENDE AINDA MAIS O CAPITALISMO

Se a denúncia, em si, não traz elementos qualitativamente novos, já que hoje se sabe que até mesmo foi planejado o assassinato de Lula, Alckmin e do ministro Alexandre de Moraes, por outro lado representa mais um revés ao bolsonarismo. Isso porque estava se gestando uma nova tentativa de encaminhar um projeto de anistia aos golpistas. Com a denúncia, que com certeza será aceita pelo Supremo Tribunal Federal (STF), essa perspectiva fica mais distante, embora não descartada.

A denúncia enfraquece, por hora, o bolsonarismo, mas não está garantida a punição aos golpistas. Muito pelo contrário, o recém-eleito presidente da Câmara, Hugo Motta, apoiado por Lula, relativizou a tentativa de golpe e chegou a defender anistia a golpistas. Mais uma demonstração de que não se deve confiar nas instituições dessa democracia dos ricos sequer para punir quem tentou suplantá-la.

A classe trabalhadora não pode ter nenhuma confiança no governo Lula, no Congresso Nacional, ou na própria Justiça para garantir nenhuma anistia a golpista. O próprio relatório de Gonet, por exemplo, omitiu figurões das Forças Armadas da denúncia.

É preciso reforçar a exigência de nenhuma anistia a golpista, investigação e prisão de todos os golpistas, e nenhuma confiança de que as

instituições desse regime dos ricos farão isso.

A classe trabalhadora não pode confiar no Congresso ou nessa Justiça dos ricos para garantir nenhuma anistia a golpistas.



Lula com o presidente da Câmara Hugo Mota, que defende anistia aos golpistas.

HÁ PERIGO NA ESQUINA

Extrema direita continua viva, surfando a crise e o desgaste do governo Lula

A denúncia contra Bolsonaro foi recebida por entusiasmo por amplos setores do ativismo e da população. É um sentimento mais do que justificado, já que estamos falando de um perverso genocida que colocou o país à beira de uma ditadura, e que já deveria estar atrás das grades. Porém, é preciso dizer a verdade: se o bolsonarismo sofreu um revés, a extrema direita continua muito bem, obrigada, surfando na baixa popularidade do governo Lula, causada por uma política econômica que joga nas costas da classe trabalhadora os efeitos da crise.

Vejamos, o governo Lula até agora, de forma surpreendente até mesmo para quem já não nutre nenhuma ilusão em seu governo, mantém José Múcio à frente da Defesa. Um nome ligado ao bolsonarismo e que defende a anistia abertamente aos golpistas. Não se enfrenta com a cúpula militar que tentou destituí-lo e, mais ainda, aposta na aproximação com a direita, e setores da ultradireita, para escapar da atual crise que enfrenta.

A política econômica do governo Lula, por sua vez, joga cada vez mais os setores mais pobres da classe trabalhadora para o colo da ultradireita. Vejamos, enquanto a popularidade de Lula cai no menor nível de sua carreira de presidente, o governador de extrema direita Tarcísio de Freitas, um facínora que não pensa em outra coisa que não matar o maior número de pobres e negros, e privatizar tudo, é aprovado por 61% da população paulista.

Neste quadro, setores da esquerda repetem que

“Lula é o único que pode nos salvar da ultradireita”. Um argumento sem o menor sentido, já que é o próprio governo Lula que, se desmoralizando cada vez mais com medidas de ataques aos mais pobres, joga água no moinho desta corja e pavimenta o caminho para a volta da ultradireita.

O combate consequente, e até o fim, à extrema direita, passa necessariamente pela derrota do programa neoliberal do governo Lula, e o combate ao capitalismo, que, em sua crise, aprofunda a barbárie e as condições sócio-econômicas que a possibilitam crescer e prosperar, como cogumelos no esterco.■



Bolsonaro e denunciado pela PGR Foto Saulo Cruz Agencia Senado

Ecoar a resposta palestina a Trump e ocupar as ruas

 SORAYA MISLEH
DE SÃO PAULO (SP)



Palestinos retornam ao norte de Gaza após acordo de cessar-fogo.

Em meio a um frágil cessar-fogo, resultado de vitória parcial da heroica resistência palestina após 15 meses de genocídio brutal, a retórica criminosa de Trump constitui-se, por si, numa violação do acordo. Após uma primeira etapa de troca de prisioneiros – mais de 1,1 mil palestinos ante 19 israelenses –, as negociações para a segunda fase se iniciam sob a sombra da ameaça de expulsão de 2 milhões de palestinos de Gaza de suas terras, limpeza étnica acelerada na Cisjordânia e propositais obstáculos a sua continuidade por parte do Estado terrorista de Israel.

100 ASSASSINATOS DESDE O CESSAR FOGO

O Estado ocupante sionista tem impedido a entrega de ajuda humanitária, materiais e tendas, bem como continua a impor restrições de movimento e atirar em palestinos. Em Gaza, mais de 100 já foram assassinados desde o início do cessar-fogo em 19 de janeiro e outros cerca de mil ficaram feridos, incluindo mulheres e crianças.

Segundo noticiou o portal Monitor do Oriente Médio em 19 de fevereiro, um “grande comboio humanitário com carga de casas móveis e maquinário de reconstrução permanece parado no lado egípcio de Rafah, à espera da autorização de Israel para cruzar a fronteira”.

Conforme a mesma matéria, “das 200 mil tendas previstas no acordo de cessar-fogo, apenas 10% entraram em Gaza; dos 50 caminhões de combustíveis acordados diariamente, apenas 30%; das 60 mil casas móveis, nenhuma; dos 12 mil caminhões de socorro humanitário, pouco mais de 70%. O persistente bloqueio deixa centenas de milhares ainda sem abrigo ou mesmo alimento, aprofundando a crise humanitária em Gaza”.

DECLARAÇÃO EXPLOSIVA EM MEIO A ‘EXPERIMENTO GAZA’

Ao mesmo tempo, Israel tem ampliado a ofensiva na Cisjordânia, tendo como alvo preferencial campos de refugiados no norte da região. A reprodução do “experimento Gaza”, que já estava em andamento sobretudo em Jenin, mas não só, pela ocupação sionista deu um salto. Somente em 2025, até o início de fevereiro, Israel já havia matado 70 palestinos na Cisjordânia. Milhares de palestinos foram expulsos dos campos de refugiados, casas e aldeias. E esses números não param de crescer.

Em meio a esse grave quadro, em que Netanyahu tenta se manter no poder e evitar o seu destino – a cadeia –, buscando manter a popularidade alcançada na sociedade de colonos ao matar palestinos, o aval de Trump é explosivo. Apresenta-se como sinal verde a Netanyahu para que avance na busca de “solução final” na contínua Nakba – catástrofe palestina cuja pedra fundamental é a formação do estado racista de Israel em 1948. Ou seja, retome o genocídio e conclua o plano sionista em sua plenitude, expresso no mito de “um terra sem povo para um povo sem terra”.

PLANOS PARA GAZA

Bolo indigesto para sionistas

Israel, fundado sobre os corpos palestinos e escombros de suas aldeias em 78% do território histórico, como enclave militar do imperialismo do momento – hoje os Estados Unidos –, ocupou militarmente os 22% restantes em 1967: Gaza, Cisjordânia e Cidade Velha de Jerusalém (parte oriental).

Aos olhos de governos cúmplices e seus apertos de mãos manchadas de sangue, mantido pelos bilhões de dólares e armas dos EUA – ampliadas agora –, Israel tem anexado cada vez mais terras férteis ano a ano. A declaração de Trump é a cereja do bolo, digerido com gosto por 80% dos israelenses. Não poderia ser diferente numa sociedade de colonos, enclave militar do imperialismo. Mas este será um bolo indigesto.

Trump tentou chantagear os regimes tutelados da Jordânia e Egito para que levassem como fatia os 2 milhões de palestinos de Gaza, para transformar Gaza no que denominou a “Riviera do Oriente Médio”. Um encontro da Liga Árabe em

Riad, na Arábia Saudita, acontecerá em 27 de fevereiro, quando o Egito deve apresentar seu plano de reconstrução de Gaza, sem o despovoamento. Os governos árabes sabem que o resultado será instabilidade, que pode ameaçar os regimes. Não podem correr esse risco. Mas engana-se quem acha que são verdadeiros apoiadores do povo palestino.

A história revela o contrário. Para ficar em apenas um exemplo, em 1948 prometeram salvar a Palestina e, nas palavras do historiador israelense Ilan Pappé, não estavam sendo sinceros. Sem ilusões. É preciso estar atento e forte, confiante que a causa palestina é a causa árabe, sim – dos povos, oprimidos e explorados.

RESISTÊNCIA

Rendição não é opção

A proposta de Trump é certamente o sonho sionista, expresso na constituição pelo governo Netanyahu de um novo órgão de governo: Secretaria de Emigração (diga-se, de limpeza étnica). A promessa é que não será fácil para o imperialismo/sionismo. Se houvesse uma aposta, seria de tendência a recuo para o plano egípcio, arvorando vitória na propaganda irreal de uma Gaza “sem Hamas”.

Se não há como prever o que virá e não se pode minimizar a ameaça criminosa de Trump nem por um momento, a certeza é a perspectiva histórica de libertação, o destino inevitável de um povo que não se rende, para o qual existência é resistência sob constante ameaça de apagamento do mapa. Nas palavras do palestino Hassan Abu Qamar, em sua “Carta de Gaza ao senhor Trump”, publicada em 18 de fevereiro no portal da Al Jazeera: “Poder e riqueza não decidirão o destino de Gaza.

A história não é escrita por ladrões – é escrita por aqueles que resistem, pela vontade do povo. Não importa a pressão, nossa conexão com esta terra nunca será cortada. Rendição e abandono não são uma opção. Honraremos nossos mártires com resistência, nutrindo esta terra com amor, cuidado e lembrança. Desejando a vocês tudo de melhor em suas atividades inúteis.”. Que essas palavras, expressão da firmeza, persistência e resiliência como resistência do povo palestino (sumud em árabe), sigam a inspirar a solidariedade internacional a retomar com força total as ruas e exigir dos governos ações concretas para isolar o imperialismo/sionismo. No Brasil urge fortalecer o chamado para que Lula rompa relações com o Estado de Israel.■



Três anos de resistência heroica à invasão de Putin

 TARAS SHEVCHUK,
DE SÃO PAULO (SP)

Dia 24 de fevereiro marca três anos desde a invasão e ocupação em larga escala do nosso território. Três anos de bombardeios constantes, destruição de muitas cidades; de torturas e assassinatos sumários de combatentes ucranianos capturados por tropas russas. Dezenas de milhares de civis foram mortos e quase 100 mil crianças foram sequestradas e levadas para a Rússia para “reeducação”. Os crimes de guerra de Putin são uma réplica ampliada dos crimes cometidos pelos ocupantes nazistas (1941-1944). Um extermínio que tem seu gêmeo no genocídio sionista em Gaza. Os povos do mundo não devem esquecer esses crimes contra a humanidade e exigir punição para criminosos de guerra como Putin e Netanyahu!

O ATAQUE COMEÇOU EM 2014

Esta agressão imperialista começou muito antes de 2022. Começou como uma resposta contrarrevolucionária ao triunfo da imensa rebelião popular que derrubou o presidente Yanukovych em fevereiro de 2014. O primeiro episódio foi a anexação forçada da Crimeia em março de 2014 – camuflada com um suposto referendo sob as armas dos paramilitares russos e o início da invasão de Donbass em abril, encoberta com a farsa das autoproclamadas “repúblicas populares” de Luhansk e Donetsk.

E qual foi a reação das chamadas “potências democráticas ocidentais” naquele momento? Apenas expressar hipócritas “profundas preocupações”! E assim continuaram até agora. E

até aumentaram suas compras de gás e petróleo russos baratos, mesmo após a invasão atual.

INVASÃO EM LARGA ESCALA DE 2022

Encorajado pela inação do imperialismo “ocidental” e pela covardia dos governantes ucranianos, em 2022 Putin decidiu que com seu “segundo exército mais poderoso do mundo” seria capaz de “tomar Kiev em três dias”, derrubar o governo e restabelecer seu fantoche – como o do ex-presidente Viktor Yanukovych, deposto em 2014 pela rebelião popular de Maidan. A única coisa que a Casa Branca ofereceu ao atual presidente naquele momento foi fugir para o exterior “enquanto não era tarde demais”.

No entanto, a energia revolucionária do Maidan – latente entre as massas, apesar dos desvios reacionários e das falsas alternativas eleitorais – irrompeu como uma torrente incontável para resistir aos invasores. Havia dez voluntários para cada arma.

Apesar das armas escassas e rudimentares e do único meio de comunicação ser via celulares, o heroísmo ucraniano forçou as hordas de Putin a recuar, deixando para trás uma série de equipamentos militares na sua fuga. Mas eles também deixaram horror em seu rastro. Com habitantes pacíficos assassinados com as mãos amarradas atrás das costas nas áreas que ocuparam, como Bucha ou Irpin.

Centenas de milhares de trabalhadores comuns se inscreveram como voluntários. Antes da invasão, o exército tinha 50 mil soldados mal treinados. Ao longo de 2022, chegou a 450 mil. Também houve um aumento nas doações populares para comprar equipamentos e armas. Milhares de oficinas foram organizadas para fazer uniformes e redes de

camuflagem. E o mais importante, o desenvolvimento de Defesas Territoriais que provaram ser as mais eficazes de todas as iniciativas de defesa do país. Surgiu como uma verdadeira auto-organização das massas para a luta.

DESCONFIANÇA DO IMPERIALISMO

Mas esse processo todo que, potencialmente era capaz de derrotar a agressão de uma das maiores máquinas militares, despertou desconfiança e medo entre os imperialistas ocidentais, que supostamente “apoiam a causa ucraniana”. Henry Kissinger, ex-secretário de Estado dos EUA no governo Nixon, após a ocupação da Crimeia em 2014 e sua intervenção armada para aprofundar o conflito separatista em Donbass, continuou a considerar a Ucrânia como parte da esfera de interesses da Rússia. Visitou Moscou em 2017. Tornou-se um apologista do imperialismo Russo e reconheceu que ele tem o direito de dominar sua “esfera de influência”.

No jornal “The Washington Post”, após a anexação da Crimeia, Kissinger declarou: “Para a Rússia, a Ucrânia nunca poderá ser simplesmente um país estrangeiro”. Ele apelou aos “líderes ucranianos mais sábios” para “escolherem uma política de reconciliação entre as diferentes partes do seu país”. E durante todos estes três anos estas ideias foram adotadas como diretrizes pela administração Joe Biden.

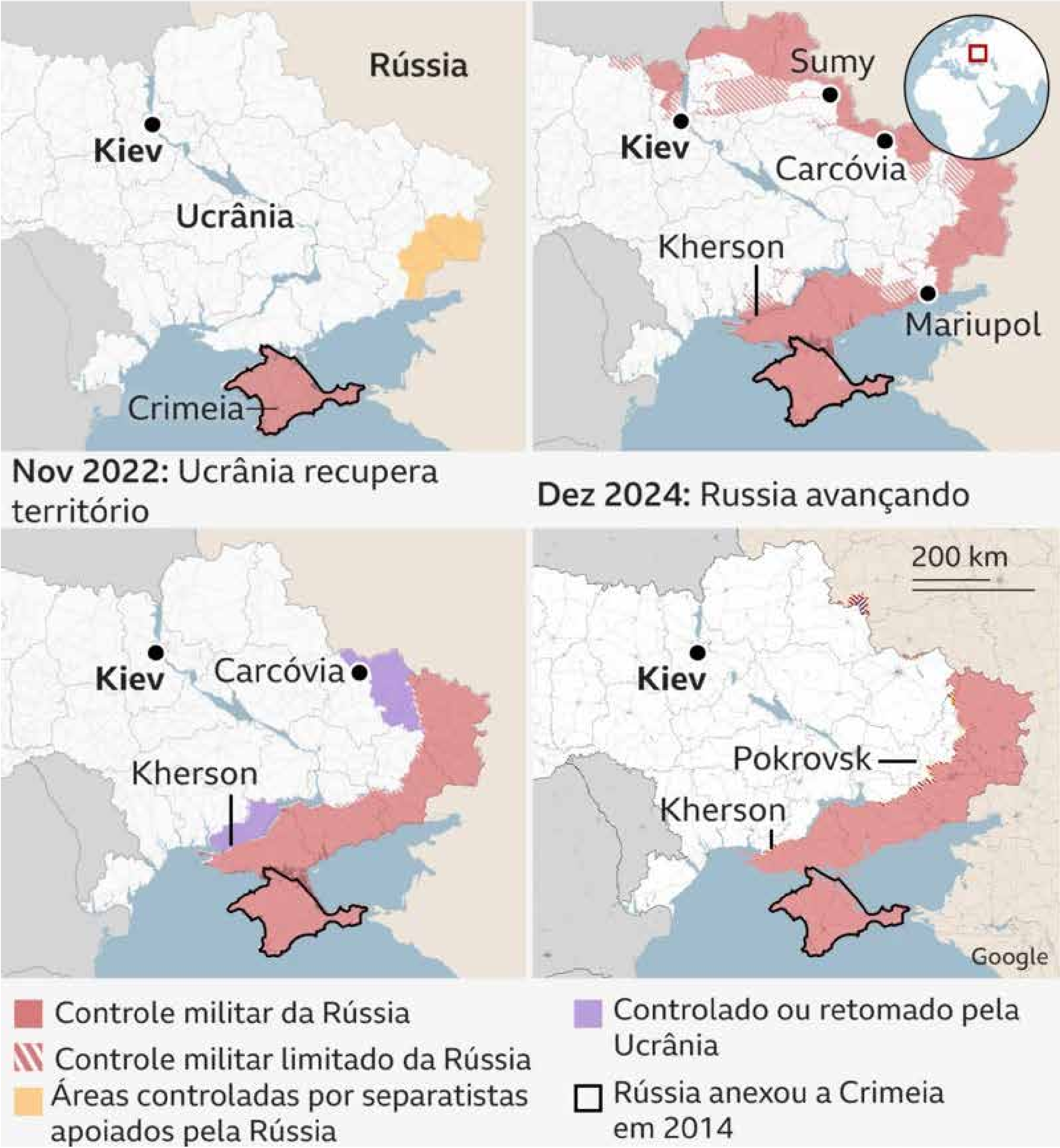


Massacre de Bucha, em 2022. Centenas de civis foram executadas.

As mudanças no controle militar da Ucrânia

Fev 2022: Antes da invasão

Mar 2022: Avanço rápido russo



Mapa da evolução da guerra na Ucrânia. Fonte: Instituto para o Estudo da Guerra (ISW), em 19 de dezembro, 21:00 GMT

EUA

A ‘solução final’ de Trump

Não é de se surpreender que Trump, com seu estilo barulhento e brutal, esteja essencialmente continuando na mesma linha de Kissinger, buscando acordos com Putin pelas costas da Ucrânia. Para o fantoche Zelensky, a mensagem de Trump é: “Encontraremos um lugar para ele à mesa”.

Mas ninguém pergunta ao povo ucraniano, o interlocutor legítimo! E especialmente à resistência ucraniana e à classe operária que é sua espinha dorsal!

Essas negociações nem remotamente abordam a justa causa da integridade territorial da Ucrânia. O novo Secretário de Defesa, Pete Hegseth, já disse isso com desenvoltura: “É muito irrealista que a Ucrânia tenha como objetivo recuperar todos os territórios ocupados pela Rússia”.

O objetivo de Trump é aproveitar a situação em que a ofensiva russa está desacelerando em todas as frentes, com o esgotamento de suas tropas, veículos blindados e equipamentos militares, e com o fracasso até agora da intervenção das tropas norte-coreanas. Ou seja, aproveitar quando se evidencia a fragilidade da economia russa e do enfraquecimento do regime para fazer acordo com Putin sobre uma “trégua” que permita a colonização da Ucrânia em ambos os lados da ocupação russa por corporações ianques, ao mesmo tempo em que busca comprometer a cooperação futura com as corporações russas.

Vejamos o exemplo das muito discutidas reservas de metais estratégicos na Ucrânia, conhecidas como “terras raras”. O ultimato de Trump à Ucrânia já se espalhou pelo mundo: “Acesso irrestrito a essas reservas em troca da retomada do envio de novas armas”. Zelensky já enviou sua resposta afirmativa. Mas o que não é amplamente divulgado é que quase 40% dessas reservas estão localizadas em território ocupado pela Rússia. Com quem Trump negociará para impedir que a China o leve?

OTAN e a UE expõem a sua crise e a sua essência imperialista

As conversas telefônicas e propostas de Trump a Putin, anunciando que “eles se comprometeram a trabalhar juntos” fora da União Europeia (UE) e dos outros membros da OTAN, produziram uma grande crise dentro do imperialismo europeu. Também as declarações estrondosas dos seus enviados, como Pete Hegseth na reunião da OTAN: “Não vemos lugar para a Ucrânia na aliança.” A isso, a resposta de Zelensky foi um apelo lamentável para “ter garantias de segurança antes de negociar com Putin”. E propôs também formar com os imperialismos europeus um exército conjunto para garantir a segurança continental. Por outro lado, JD Vance, vice-presidente do governo Trump, deu todo o apoio aos partidos europeus de extrema direita na véspera das eleições e culpou os atuais governos europeus por “não serem capazes de responder a ameaças externas que não são tão grandes quanto as internas”, apontando para as ondas de migração.

Em suma: crise e impotência do bloco imperialista da UE e agudas contradições que paralisam a OTAN. Isto mostra que depositar esperanças em “garantias de segurança” através da adesão à OTAN ou através do envio de tropas imperialistas europeias para o território ucraniano, como Zelensky há muito vem pedindo, é uma utopia reacionária, que repudiamos, porque exacerba a subordinação colonial da Ucrânia a vários imperialismos.

Afinal, foram os trabalhadores armados que “garantiram a segurança” ao expulsar as hordas russas da região de Kiev! Não foi a OTAN imperialista!

Segurança da Ucrânia está ameaçada pela sua própria oligarquia

O povo ucraniano está cada vez mais ciente de que o ponto mais vulnerável do país foi e continua sendo a política do atual governo em Kiev. As “instituições” de poder, que representam os interesses dos grandes oligarcas, do capital local e das corporações estrangeiras, não colocaram e não colocarão a economia a serviço da defesa nacional e dos interesses sociais dos trabalhadores. É por isso que o país é forçado a se endividar com os credores do FMI e obedecer às suas ordens. É por isso que eles vendem as melhores terras férteis e minerais, como titânio, para corporações estrangeiras. E agora Trump também está oferecendo terras raras em troca de armas essenciais. É por isso que, quando o país está em guerra, as siderúrgicas param e a desigualdade social piora. E também é por isso que, após três anos de invasão, a produção de munições ainda não está adequadamente desenvolvida e os esforços não estão focados na produção em massa de drones. Devido a composição oligárquica da Rada (Parlamento), esta adotou leis de recrutamento com a formação de Centros Territoriais de Recrutamento, o que está causando irritação e conflitos violentos com sua ação compulsiva em relação aos setores explorados e pobres, excluindo os ricos que pagam isenções.

SEGURANÇA SERÁ GARANTIDA PELA SOBERANIA

A Ucrânia merece alcançar a libertação nacional e a verdadeira independência. Apesar do cansaço da classe operária e do povo ucraniano pelo sacrifício da guerra, das crescentes queixas de seu próprio governo que corroeram a enorme vontade inicial, o povo continua a resistir. Novos avanços

foram feitos nos territórios de Kursk e agora de Bryansk, e os ocupantes foram forçados a recuar em alguns pontos-chave no território de Donbass.

As brigadas de guerra de drones estão fazendo história, atingindo alvos militares a centenas de quilômetros dentro do território russo. Partes importantes de refinarias, bases de suprimentos e postos de comando das tropas russas foram destruídas. Por outro lado, é importante destacar que a “partisanshina”, o movimento de resistência partiano, continua operando nos territórios ocupados com atos de sabotagem e mantendo a inteligência ucraniana informada sobre a movimentação das tropas russas. E esse movimento cresceria exponencialmente no caso de uma capitulação do governo em relação a esses territórios. É por isso que estamos convencidos da capacidade de superar os obstáculos desta guerra.

Os maiores obstáculos estão na arena política e internacional. Para conseguir isso, os trabalhadores ucranianos precisam alcançar sua libertação social. E para isso precisamos de uma organização política independente da classe operária.

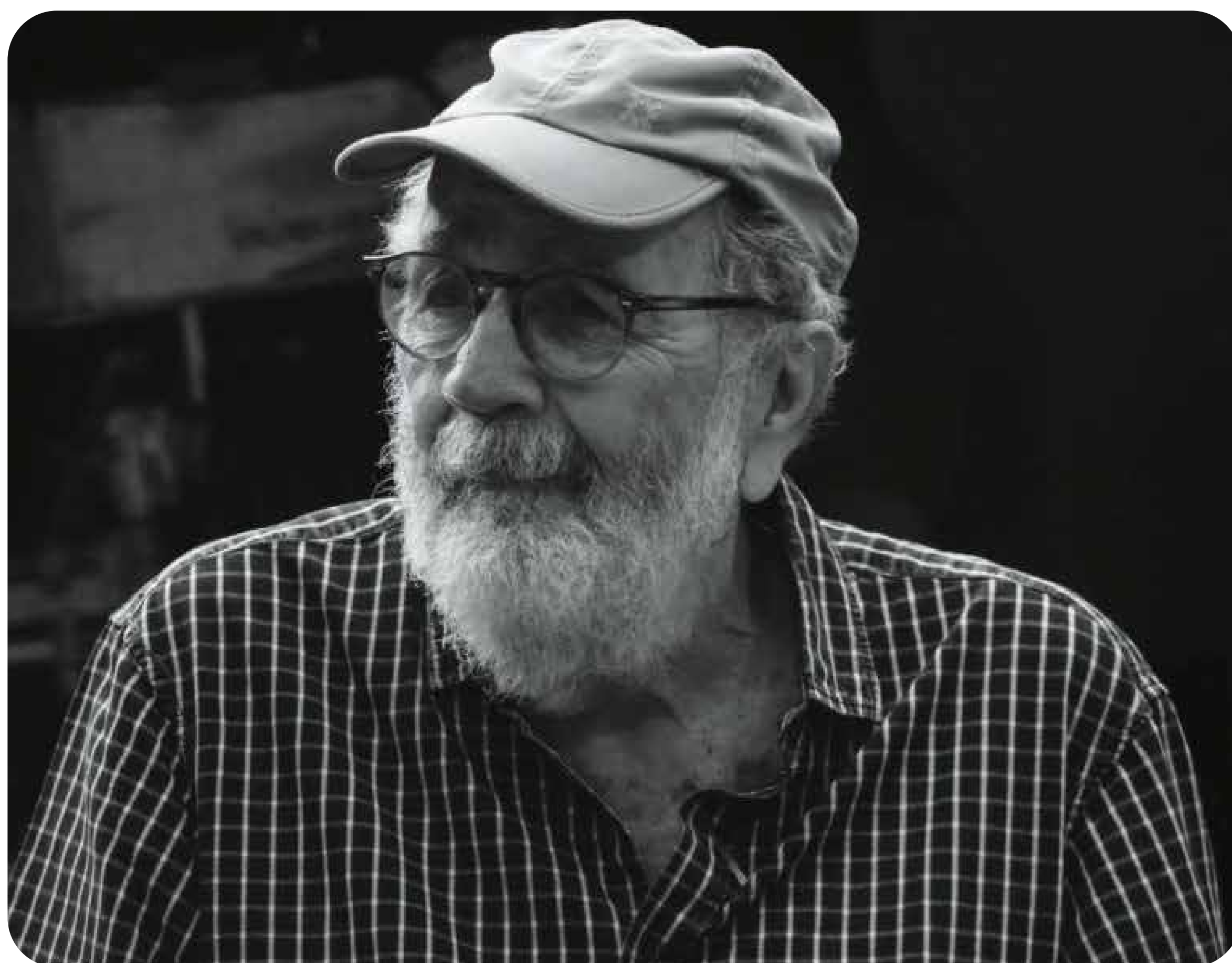
Nós da LIT-QI estamos comprometidos com esse esforço, promovendo com todas as nossas modestas forças a única garantia confiável: a solidariedade da classe operária internacional e dos povos oprimidos do mundo. ■



CACÁ DIEGUES

‘Bye Bye’ ao contador das histórias do Brasil

 WELLINGTON MACEDO
DA REDAÇÃO



Cacá Diegues, cineasta que ajudou a explicar o Brasil.

No último dia 14, faleceu Cacá Diegues, um dos mais importantes e emblemáticos cineastas brasileiro. Cacá foi responsável por grandes sucessos do cinema nacional, numa época em que não existia streamings e grandes propagandas de filmes brasileiros com uma grande campanha como a que está por trás de Ainda Estou Aqui

Podemos dizer que sucessos como Ainda Estou Aqui, são resultados do trabalho e amor incansável de Cacá Diegues em ser, insistentemente, um cineasta brasileiro em tempos de ditadura e censura, em anos de chumbo, de fechamento da Embrafilme (Empresa Brasileira de Filmes) e de um certo “ranço” e preconceito em relação aos filmes brasileiros, taxados de filmes que só têm “sexo e

palavrões”. Como se não existissem sexo e palavrões em outros cinemas.

Através de seus filmes, Cacá nos fez conhecer o nosso Brasil, a nossa história, esse mundão espalhado em cinco regiões, a partir de suas histórias onde o povo brasileiro sempre foi o grande protagonista.

A PAIXÃO PELO CINEMA E O ATIVISMO POLÍTICO

Carlos José Fontes Diegues, nasceu nordestino, em Maceió, em 1940. Aos 6 anos, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro e foi morar no bairro de Botafogo, onde passou infância e adolescência. Desde cedo, Cacá demonstrou sua paixão pela sétima arte mesmo tendo se formado em Direito, pela PUC-Rio.

Cacá foi um dos líderes do Cinema Novo ao lado de Glauber Rocha, Leon Hirszman, Paulo César Saraceni e Joaquim Pedro de Andrade. Um cinema que revolucionou a estética e a linguagem do audiovisual nacional e virou referência para várias gerações.

FILMES

A utopia de fazer cinema no Brasil

Envolvido com o ativismo político que o Cinema Novo trazia e vivendo o contexto do golpe militar, nos três primeiros filmes de Cacá — Ganga Zumba (1964), A grande cidade (1966) e Os herdeiros (1969) — estavam imbuídos do espírito estético do movimento.

Com o Ato Institucional nº 5 (AI-5), Cacá deixa o Brasil, em 1969, ao lado da então esposa, a cantora

Nara Leão. Quando volta ao Brasil em 1972, realizou o filme Quando o Carnaval Chegar, uma de suas grandes parcerias com o cantor e compositor Chico Buarque.

RETORNO

Em 1976, ele experimenta seu maior sucesso popular cinematográfico com Xica da Silva. Baseado no livro homônimo de João Felício dos Santos, tendo Zezé Motta e Walmor Chagas nos papéis principais, o filme conta a história da mulher negra escravizada que ganha alforria ao se casar com um homem branco e passa a viver como uma senhora branca. Xica da Silva leva muitos brasileiros ao cinema, transforma Zezé Motta em símbolo sexual e revela a hipocrisia do mito da democracia racial e o racismo em nosso país, em plena ditadura. O filme cai no gosto popular e vira referência tanto positiva, quanto negativa também, para outras obras da dramaturgia brasileira onde a mulher negra foi retratada, com todos os estereótipos raciais que a cercam.

Cacá torna-se alvo de críticas que cobravam maior engajamento em suas obras. A isso, ele vai criar a expressão “patrulhas ideológicas” para reclamar de alguns setores que o desqualificavam. Isso ocorria em meio a discussão e luta pela redemocratização do país e de renovação do cinema. É nesse período que Cacá produz Chuvas de Verão (1978) e a sua grande obra-prima, Bye Bye Brasil (1979).

SUA GRANDE OBRA

Protagonizado por três personagens carismáticos e bem brasileiros — Salomé, Lord Cigano e Andorinha — três artistas mambembes que cruzam o país com a Caravana Rolidei fazendo espetáculos, em Bye

Bye Brasil Cacá captura um país esquecido, longe dos grandes centros urbanos e profundamente transformado. O filme foi gravado na Amazônia - em Belém, na Transamazônica e na cidade de Altamira (PA) - e retoma sua parceria com Chico Buarque, que compôs a música homônima, virando um dos maiores clássicos da MPB.

Bye Bye Brasil é considerado um marco desse período e uma espécie de “despedida” da identidade romântica de um Brasil que ainda mantém a esperança, apesar das torturas, mortos e desaparecidos políticos. Sua paisagem geográfica, social, histórica, meio ficcional, meio documental de um país e seu povo.

Como que antevendo o que estava por vir, Cacá passou os anos 1980 enfrentando a crise e as incertezas do cinema brasileiro na chamada “década perdida”. Em 1984, realizou em parceria com uma produtora francesa e filma o épico Quilombo, com grandes nomes da dramaturgia negra como Zezé Motta, Antônio Pômpeo, Grande Otelo e Tony Tornado.

Realizou, na fase crítica do cinema nacional, dois filmes de baixo custo muito importantes para a nossa cinematografia. Um trem para as estrelas (1987), com trilha sonora de Cazuza, e Dias melhores virão (1989), com Marília Pêra, Rita Lee, Paulo José, Zezé Motta e José Wilker. O filme é uma homenagem singela aos dubladores brasileiros e crítica ao cinema de Hollywood.

REINVENÇÃO NOS ANOS 1990

Nos anos 1990, realizou filmes voltados ao grande público com adaptações já conhecidas em outros formatos e versões. É assim que surgem os sucessos de público com Tieta do Agreste (1996), com Sônia Braga como protagonista e trilha sonora

assinada por Caetano Veloso, e Orfeu (1999), um remake do filme de 1959, Orfeu do Carnaval, vencedor do Oscar de melhor filme estrangeiro para a França em 1960. Na versão de Cacá, o filme se passa numa favela do Rio de Janeiro.

Em 2003, Cacá realizou o simpático Deus é Brasileiro, com Antônio Fagundes e Wagner Moura, em começo de carreira. O filme caiu nas graças do público pelo carisma da dupla protagonista e é uma adaptação de um conto do escritor baiano João Ubaldo Ribeiro.

Com mais de 18 filmes, Cacá foi um dos realizadores brasileiros mais reconhecidos no mundo. Foi um exímio contador de histórias. Capturou como poucos, a essência humana do povo brasileiro, com suas tragédias e situações cômicas. Um homem que viveu o seu tempo e o retratou pela tela mágica da sétima arte. Seus filmes, que ficarão para a eternidade, nos levando ao passado para entender o presente e projetar nosso futuro. ■



Indígenas e quilombolas impõem derrota ao governador do Pará e Lei 10.820 é revogada



Comemoração pela revogação da Lei 10.820/24 em frente à Alepa | Foto: Ozéas Santos/Alepa

O governador Helder Barbalho (MDB) foi derrotado pelos indígenas, quilombolas e trabalhadores da educação. A Lei 10.820/2024, que ameaçava o ensino presencial em comunidades indígenas do Pará, foi revogada por unanimidade pelos deputados estaduais no último dia 12.

A Lei 10.820 revogava todo arcabouço normativo da educação escolar indígena e acabava com o regime presencial nas escolas indígenas, tornando todas as aulas virtuais. Também liberava aulas à distância para quilombolas e comunidades do campo. Com a revogação, as diretrizes sobre a educação pública do Pará, incluindo as indígenas, voltam a funcionar conforme as antigas leis em vigor até 19 de dezembro de 2024.

Os indígenas e quilombolas deram um exemplo de organização e luta. Desde o dia 14 de janeiro, ocuparam o prédio da Secretaria de Educação (Seduc), em Belém, pedindo a revogação da medida e a exoneração do atual titular da Seduc, Rossiele Soares.

A líder indígena Alessandra Korap Munduruku comentou sobre os próximos passos da mobilização: “Agora nós vamos para a aldeia articular, cada povo vai ter a sua articulação, quilombolas, indígenas, ribeirinhos, professores do campo. Vai ser para dizer que temos que ser ouvidos, este momento é o momento de construção da lei própria para os povos tradicionais. Lei para valorizar a educação tradicional do homem do campo, mas também o homem da floresta, os povos da floresta”.

O PSTU e a CSP-Conlutas estiveram lado a lado com os indígenas e quilombolas, atuando ativamente na ocupação. A orientação agora é seguir atento e forte, pois um novo projeto educacional será debatido, com a participação dos povos tradicionais, para ser encaminhado à Assembleia Legislativa.

Nenhuma confiança em Helder Barbalho e nos deputados que queriam impor a destruição da educação pública paraense. Um exemplo de luta, com independência e autonomia, foi dado pelos indígenas e quilombolas.

BELO HORIZONTE

Terceirizados da educação municipal vão à greve por melhorias de trabalho e fim da escala 6x1



Trabalhadores terceirizados da educação municipal protestam nas ruas de BH | Foto: Sind-REDE

Os trabalhadores terceirizados da educação municipal de Belo Horizonte (MG) aprovaram greve por tempo indeterminado a partir da próxima segunda-feira, dia 24. Eles realizaram uma grande marcha no último dia 12, reunindo mais de 4 mil profissionais contratados pela MGS (Minas Gerais Administração e Serviços S.A.) e pelos Caixas Escolares.

Esses trabalhadores possuem funções que são

indispensáveis ao funcionamento da escola e à educação, como porteiros, faxineiras, acompanhantes de crianças com deficiência, cantineiras, trabalhadores da Escola Integrada e outras. A mobilização é organizada pelo Sind-REDE (Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Rede Pública Municipal de Belo Horizonte), filiado à CSP-Conlutas.

“O prefeito Fuad, junto à Minas Gerais Administração e Serviços S.A (MGS), não garante condições de trabalho e nem salários justos. A sobrecarga de trabalho, assédios morais e o descaso com a educação são a marca registrada contra os trabalhadores e trabalhadoras terceirizados da educação. A reivindicação de 10% de aumento mais a inflação foi negada pelos patrões, que propuseram um aumento de 7%. Junto a isso, as exigências de equiparação salarial, fim da escala 6×1 e redução de jornada sem redução de salário não foram respondidas pela Prefeitura e MGS”, destaca Vanessa Portugal, dirigente do Sind-REDE e militante do PSTU.

6×1 NÃO DÁ NEM PARA DESCANSAR!

Uma das principais lutas na mobilização dos trabalhadores terceirizados em educação é a redução da jornada de trabalho sem redução de salário. Reduzir a jornada de trabalho significa garantir mais empregos, melhorar a qualidade de vida para que as pessoas possam ter um momento com suas famílias, de lazer e descanso.

“É preciso ir às ruas pelo fim dessa escala desumana, exigir um programa dos trabalhadores contra a superexploração, que proíba imediatamente a escala 6×1, garanta a redução da jornada sem redução de salário e de direitos. Mas é preciso ir além, lutar contra o sistema capitalista que nos explora em favor do lucro dos mais ricos”, finaliza.



LUTA

Onda de greves da educação sacode o estado do Piauí



Em assembleia, professores da rede municipal de Teresina aprovam greve | Foto: Sindserm

O estado do Piauí está sendo sacudido por uma onda de greves dos trabalhadores da educação. Desde a segunda-feira, dia 17, a educação municipal está paralisada por tempo indeterminado. A categoria luta por reajuste salarial, melhores

condições de trabalho e contra o descaso do prefeito Sílvio Mendes (União Brasil) com a educação.

A vereadora bolsonarista Samantha Cavalca (PP) usou a tribuna da Câmara para desqualificar a categoria. Disse que greve era feita por alguns “gatos pingados” do PSTU e que os grevistas estariam fazendo “baderna”.

O PSTU repudia as declarações da vereadora, que visa desmoralizar tanto os professores quanto o Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Teresina (Sindserm) e o próprio partido.

Em resposta às declarações da vereadora, Geraldo Carvalho, presidente do PSTU no Piauí, lançou um desafio: “Se os salários dos trabalhadores da educação municipal são tão bons, como ela sugere, por que Samantha Cavalca não abdica de seu supersalário e passa a ganhar o equivalente ao piso salarial de uma professora do município?”

O desafio lançado por Geraldo abriu um debate na imprensa piauiense e escancarou para a população os privilégios que os vereadores têm.

EDUCAÇÃO ESTADUAL

Os professores da rede estadual entrarão em greve por tempo indeterminado, a partir da próxima segunda-feira, dia 24. A principal reivindicação da categoria é o pagamento do piso nacional do magistério de forma linear e na carreira.

O PSTU reforça o total apoio aos trabalhadores da educação municipal de Teresina e aos trabalhadores da rede estadual de educação. Estamos juntos na luta! ■

8 DE MARÇO

No dia de luta da mulher trabalhadora, às ruas contra a violência machista

 ÉRIKA ANDREASSY,
SECRETARIA NACIONAL DE MULHERES DO PSTU



Ato 8 de março em São Paulo | Foto: Romerito Pontes

O Brasil bateu recorde de feminicídios e estupros em 2024. Cerca de 8 mulheres foram estupradas por hora e 1.327 mulheres perderam suas vidas por sua condição de gênero, a maioria mulheres negras. Esses números não são apenas estatísticas; são vidas interrompidas, filhos e filhas órfãos, famílias

destruídas.

O governo Lula tem falhado em implementar políticas de enfrentamento à violência machista. Dos R\$ 317 milhões de orçamento do Ministério das Mulheres, menos de $\frac{1}{4}$ foi executado, sendo que apenas R\$ 13,2 milhões foram destinados ao programa Mulher Viver Sem Violência. O Ministério da Justiça, apesar de ter previsto um valor inicial de R\$ 45 milhões para ações na área, até outubro não havia destinado um centavo sequer.

Essa mesma situação se repete nos estados e municípios onde a ultradireita reacionária governa. Como em São Paulo, onde o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) congelou 96% do orçamento paulista destinado ao enfrentamento à violência de gênero, apesar do aumento alarmante dos casos de feminicídio no estado.

Neste 8 de março, devemos ir às ruas para dizer: Chega de violência machista! E exigir políticas públicas efetivas, de investimento em delegacias especializadas, abrigos para mulheres em situação de risco e de campanhas de conscientização que combatam a violência e o machismo.

PELO FIM DA ESCALA 6X1

A escala 6×1 significa trabalhar seis dias da semana e descansar apenas um. Essa jornada é extremamente desgastante, especialmente para as mulheres, que precisam conciliar o emprego formal com o trabalho doméstico não remunerado. Segundo o IBGE, as mulheres dedicam, em média, 21 horas por semana aos afazeres domésticos, enquanto os homens dedicam apenas 11 horas. Isso significa que, mesmo no único dia de “descanso” da escala 6×1, as mulheres estão trabalhando em casa, cuidando dos filhos e da família. O resultado é uma sobrecarga física e mental que compromete sua

saúde e qualidade de vida.

A luta pelo fim da escala 6×1 é uma luta urgente. Precisamos de uma jornada de trabalho que permita às mulheres tempo para o descanso e o lazer, sem redução de salário. Além disso, é fundamental políticas públicas garantidas pelo Estado para por fim à jornada extra, como creches e escolas em tempo integral, restaurantes e lavanderias comunitárias e a ampliação da licença paternidade, além de incentivar a divisão igualitária das tarefas de cuidados ■

Mulheres gastam 21 horas por semana no trabalho doméstico, enquanto os homens dedicam apenas 11 horas

